

<b>Público</b>	Periodicidade: <b>Diário</b>
31-10-2022	Classe: <b>Informação Geral</b>
	Âmbito: <b>Nacional</b>
	Página(s): <b>1,2,3,4,5,6,7,8</b>

**Público**

**Eleições no Brasil** Lula da Silva derrota Bolsonaro • “É hora de baixar as armas”, diz Presidente reeleito • O país das duas bolhas que falam línguas diferentes • A festa e o medo entre os brasileiros em Portugal: “Que exista respeito pelos resultados” **Destaque, 2 a 7, e Editorial**

# Brasil



**escolheu a  
democracia  
e voltou  
a eleger Lula**

Público

31-10-2022

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Pagina(s): 1,2,3,4,5,6,7,8



# Lula regressa à presidência num Brasil partido ao meio

Vitória por uma margem escassa expõe a profunda divisão entre os brasileiros. Lula regressa ao Planalto 12 anos depois e promete governar em diálogo com todos

João Ruela Ribeiro

**A** uma semana de se completarem três anos da sua saída da prisão, Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito Presidente do Brasil, derrotando o actual chefe de Estado, Jair Bolsonaro, após uma das campanhas mais violentas e divisivas de que há memória. O candidato do Partido dos Trabalhadores (PT) alcançou 50,9% dos votos, uma diferença muito curta, de menos de dois pontos, que expõe o abismo que separa a sociedade.

Nunca seriam eleições normais, tal como normal já não tinha sido a campanha. Isso ficou provado com a forma como a Polícia Rodoviária Federal organizou centenas de operações de trânsito ao longo do dia, concentradas de forma desproporcional em regiões mais favoráveis a Lula, desafiando as directivas do Tribunal Superior Eleitoral que não queria interferências no transporte de eleitores.

No seu discurso de vitória, Lula disse que a sua candidatura enfrentou "a máquina do Estado brasileiro" e reconheceu que o país vive "um momento difícil", prometendo trabalhar para a pacificação. "Não existem

**Lula no discurso de vitória em São Paulo e Bolsonaro cumprimentando apoiantes no Rio de Janeiro**

dois Brasis, somos um único povo e uma grande nação, e não interessa a ninguém viver numa família onde reina a discórdia."

A escassa diferença entre Lula e Bolsonaro alimentou receios de que o actual Presidente pudesse pôr em causa o resultado, socorrendo-se de um longo historial de suspeitas que foi veiculando nos últimos meses acerca da robustez do sistema de voto electrónico. Bolsonaro manteve o silêncio nas horas que se seguiram à divulgação dos resultados, mas muitos sinais mostravam que a margem para pôr em causa a vitória do seu adversário foi esgotada.

Um ponto importante foi o reconhecimento da vitória de Lula quase de imediato por vários líderes estrangeiros, incluindo o Presidente norte-americano, Joe Biden, que falou em "eleições livres, justas e credíveis".

Por outro lado, aliados importantes de Bolsonaro como o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira, difundiram mensagens muito claras



**Polícia Rodoviária acusada de tentar perturbar eleição no Nordeste**

Relatos divulgados nas redes sociais e na imprensa davam conta de que eleitores brasileiros foram parados pela Polícia Rodoviária Federal (PRF) a caminho das urnas em várias cidades do Nordeste. Operações que tinham sido proibidas até ao final da segunda volta das eleições presidenciais, pelo juiz Alexandre de Moraes, presidente do Tribunal Superior Eleitoral do Brasil (TSE). Moraes, porém, garantiu que nenhum eleitor foi impedido de votar por causa das operações montadas pela PRF. "Não houve prejuízo aos eleitores no seu exercício de voto", assegurou em conferência de imprensa. Segundo o juiz, as votações decorreram sem problemas. Além de decretar a interrupção das acções contra transportes públicos disponibilizados para levar eleitores às urnas, o ministro proibiu a divulgação do

resultado de operações da Polícia Federal (PF) relacionadas com as eleições. Caso a decisão fosse desrespeitada, os directores da PRF e da PF poderiam ser acusados de desobediência e crime eleitoral. A decisão foi tomada na sequência de um requerimento do deputado federal Paulo Teixeira, da coligação de Lula da Silva, que pediu providências para que a PRF não fosse usada em benefício da campanha do ainda Presidente Jair Bolsonaro. "São factos graves que justificam a actuação célere e a adopção de medidas adequadas com o intuito de preservar a liberdade do direito de voto, estando previsto o acesso ao transporte gratuito no dia do pleito", justificou o juiz. Contudo, as operações policiais avançaram ontem, "não havendo indicação sobre as razões" que as justificam,

considerou Moraes. Após novo pedido da coligação Brasil da Esperança (formada pelo PT, PC e Partido Verde), o TSE solicitou a Silvinei Vasques, director-geral da PRF, que explicasse com urgência as operações policiais. E o director da PRF dirigiu-se às instalações do tribunal para prestar esclarecimentos. Vasques não esconde o apoio a Bolsonaro e partilhou neste fim-de-semana nas redes sociais uma imagem de apelo ao voto: "Vote 22. Bolsonaro Presidente." Apagou-a poucas horas depois. Segundo números da PRF, até ao final da manhã de ontem já tinham sido realizadas 514 acções de fiscalização de autocarros, em vários pontos do país que coincidem com bastiões eleitorais de Lula. Um número que a essa altura já era 70% superior ao registado na primeira volta. **Carolina Amado**



**Tentaram enterrar-me vivo e eu estou aqui**

**É hora de baixar as armas que jamais deviam ter sido empunhadas. As armas matam e nós escolhemos a vida**

**É um dever que todo o brasileiro possa tomar café da manhã, almoçar e jantar todos os dias**

**O verde e amarelo da bandeira só pertence ao povo brasileiro**

**O Brasil está pronto para retomar a liderança na luta contra a crise climática**

**Lula da Silva**  
Candidato do PT



de que o resultado deve ser respeitado. "A vontade da maioria manifestada nas urnas jamais deverá ser contestada e seguiremos em frente na construção de um País soberano, justo e com menos desigualdades", declarou Lira. Também Sérgio Moro, recentemente eleito senador, comentou a vitória de Lula, dizendo que "a democracia é assim" e assumindo-se como parte da oposição.

**Nordeste foi crucial**

A vitória de Lula é histórica sob vários prismas, desde logo, por ser com a menor margem desde a redemocratização. Nunca um ex-Presidente havia conseguido voltar ao cargo, tal como nunca um chefe de Estado em funções tinha falhado a reeleição. Aos 77 anos, será o mais velho a ocupar a presidência. As eleições reforçaram o quadro de divisão territorial que se tem acentuado nos últimos anos. O triunfo de Lula foi alicerçado nos estados do Nordeste, onde obteve resultados muito expressivos, enquanto Bolsonaro venceu nos estados do Sul, Sudeste e Centro-Oeste, mais prósperos e conservadores, mas que foram insuficientes para a reeleição. A excepção foi o estado de Minas Gerais, que mantém o estatuto de barómetro das eleições presidenciais e foi o único fora da região do Norte e do Nordeste em que Lula foi o mais votado.

Lula regressa a um cargo que desempenhou com perícia, mas tudo mudou desde que abandonou o Planalto, em 2010, com uma aprovação esmagadora. Para além da profunda divisão social e de uma tensão que parece impossível de superar, o Brasil atravessa uma grave crise económica e ambiental. A devastação da Amazônia promovida durante os últimos anos atraiu os olhos do mundo e a conduta do próximo Governo será escrutinada como nunca.

O triunfo magro foi conseguido, apesar de Lula ter logrado congregar em torno da sua candidatura uma frente com uma amplitude política inédita, juntando a esquerda radical a políticos moderados e conservadores, como o futuro vice-presidente, Geraldo Alckmin, e incluindo até alguns artífices do impeachment de Dilma Rousseff. A uni-los esteve a noção de que mais quatro anos de um governo liderado por Bolsonaro podiam pôr o Brasil numa trajectória imprerivelmente autoritária.

A oposição ao futuro governo de Lula da Silva, cuja composição terá de ter em conta o largo espectro de apoio que foi recebendo, promete ser dura. A derrota de Bolsonaro não fez esmorecer o bolsonarismo, que consolida um domínio territorial nos estados mais ricos e até conseguiu chegar ao poder em São Paulo. No Congresso, foram eleitos aliados importantes do Presidente ainda em funções que vão funcionar como porta-vozes privilegiados do bolsonarismo.

Um país dividido

# O país das duas bolhas que falam línguas diferentes

António Rodrigues

Perante dois salvadores da mesma pátria, terá de haver menos paixão na política para superar a divisão

**B**runo Dauaire, eleito pela terceira vez para a assembleia estadual do Rio de Janeiro e terceira geração de uma família política de São João da Barra, concorda que o Brasil está dividido, mas acredita que "a disputa ficará para trás" passadas as eleições. "O povo quer apenas que seus representantes trabalhem sério para melhorar a vida deles", garante o político da União Brasil ao jornal online Terceira Via.

Uma perspectiva demasiado benevolente sobre a realidade deixada por quatro anos de actuação divisiva do Presidente Jair Bolsonaro, que não só viveu em confronto com a ordem judicial, como questionou a comunicação social em geral e o jornalismo em particular. Como escreve o advogado Maurício Rands no *Diário de Pernambuco*, o que existe actualmente no Brasil são "duas grandes bolhas" que "falam línguas distintas, como se vivêssemos em países distintos".

Mas foram quatro anos de mandato de Bolsonaro a criar esses dois paiséis ou eles sempre existiram e o actual Presidente apenas cutucou a fenda divisiva que estava mais ou menos amansada desde a restauração?

Como escreve a antropóloga Lília Moritz Schwartz, nesse livro que ajuda a entender o bolsonarismo chamado *Sobre o Autoritarismo Brasileiro*: "A escravidão nos legou uma sociedade autoritária, a qual tratamos de reproduzir em termos modernos. Uma sociedade acostumada com hierarquias de mando" e que "lida muito mal com a ideia da igualdade na divisão dos deveres, mas dos direitos também".

Outra antropóloga, Rosana Pinheiro-Machado, dizia no sábado ao PÚBLICO: o "país bifurcado veio para ficar", porque a reacção da "política patriarcal e autoritária" à luta dos movimentos negros, feministas, indígenas não volta para dentro da caixa que se abriu na sociedade desde os protestos generalizados de 2013.

"Não conseguimos ver que o Brasil depois de 2013 se fracturou, fracturou o tecido social, e isso tem consequências muito drásticas", explica Rosana Pinheiro-Machado. Bolsonaro acabou por surgir na hora certa para aglutinar



Nem o aumento da pobreza e da fome esmoreceu o entusiasmo dos apoiantes de Bolsonaro

esse movimento contestatário da sociedade brasileira e hoje, quatro anos depois de ter sido eleito, consegue sobreviver com ou sem o seu líder/mito no Palácio da Alvorada, em Brasília.

"O bolsonarismo hoje é maior do que Bolsonaro", disse na semana passada ao PÚBLICO Simone Tebet, a candidata do Movimento Democrático Brasileiro, de centro-direita, que depois do seu terceiro lugar na primeira volta se tornou um trunfo de Luiz Inácio Lula da Silva na segunda volta das presidenciais. "O bolsonarismo nestes quatro anos consolidou-se enquanto força muito resiliente", mais "do que se poderia imaginar", afirmava Rosana Pinheiro-Machado, "as pessoas enraizaram a identidade bolsonarista e hoje agem como um soldado de Bolsonaro, e isso pode levar a qualquer consequência".

O entusiasmo dos apoiantes do Presidente não esmoreceu, antes pelo contrário. Nem as centenas de milhares de mortes da pandemia, nem a fome de mais de 33 milhões de pessoas reduziram o fervor quase religioso com que os apoiantes de Bolsonaro o seguem.

Mas, do outro lado, nem os processos judiciais, nem a cadeia, nem as constantes acusações de corrupção contra o Partido dos Trabalhadores e contra os seus governos diminuem o ímpeto com que uma grande camada da população encara Lula, visto nesta campanha como o único capaz de

salvar a democracia brasileira em perigo.

**Ouvir e dar resposta**

Perante dois salvadores que salvam o mesmo país da garra um do outro, como pode um Presidente saído das urnas reconciliar os desavindos, pregar a união, encontrar uma linguagem comum, uma semântica sintese capaz de ser ouvida pelos dois lados?

"O Presidente, seja quem for, vai ter de governar para todos os brasileiros, não somente para as pessoas que votarem nele", diz, em entrevista à *Folha de São Paulo*, o cientista político Anthony Pereira, um dos mais conceituados brasilianistas, "tem de mostrar isso e mostrar que entende o significado".

Rands lembrava que "os progressistas vão precisar de ouvir e dar resposta aos que hoje se identificam com as falas de Bolsonaro" e deixarem de

se comportar "como donos exclusivos da virtude".

Por outro lado, é preciso voltar a alumiá-lo de volta uma porção da população que se deixou seduzir pela "pauta de costumes obscurantista", como lhe chamou o jornal *Folha de São Paulo* no seu editorial justificando o apoio a um dos candidatos porque o que estava em jogo não eram "apenas os próximos quatro anos", mas "as quase quatro décadas de exercício pleno da democracia no Brasil".

O caminho passa, afirma Pablo Ortellado, "por um esfriamento do ambiente político" porque "as pessoas estão com a cabeça muito quente". Como explica o professor de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de São Paulo, coordenador do Monitor do Debate Político no Meio Digital, "não estamos só muito apaixonados, mas muito politizados". Por isso, "o caminho é se importar com política, mas de outra maneira. Agora que todas as tiazinhas sabem os nomes dos ministros do Supremo Tribunal Federal, não temos menos problemas ou estamos mais felizes".

Lembrando sempre que o populismo autoritário não surge do nada, mas, sim, da crise das instituições, acrescenta Ortellado ao PÚBLICO: "É uma crítica das pessoas comuns às elites culturais e políticas." Daí que é preciso separar o que é aproveitamento político da insatisfação em si, porque "a insatisfação precisa ser atendida". Para bem da democracia.

Três perguntas a

Pablo Ortellado, professor da Universidade de São Paulo

**Como é que o novo Presidente poderá governar um país dividido?**

Tenho estudos que mostram que tanto Lula como Bolsonaro terão maioria folgada para governar. No centro, há um grupo grande que pode compor com um ou outro. As lideranças legislativas são mais pragmáticas, sabem conversar e compor. A dificuldade está na sociedade civil, de onde se espera uma oposição muito dura porque as pessoas comuns estão cada vez mais apaixonadas. Se, por um lado, a paixão gera votos, por outro, o grupo político acaba por se tornar refém desse público radicalizado, que não aceita situações de compromisso. Os EUA já tiveram casos importantes de o orçamento público ficar travado por falta de consenso. O dia em que isso vai acontecer no Brasil está próximo.

**Como se reduz essa divisão?**

Há muito debate sobre porque é que o cenário político contemporâneo produziu uma polarização afectiva na sociedade civil. Sabemos quando surgiu, os grupos que são mais afectados, mas não sabemos as razões. O caminho passa por um esfriamento do ambiente político. As pessoas estão com a cabeça muito quente. Não estamos só muito apaixonados, mas muito politizados.

**A solução é ter candidatos menos extremistas?**

O Partido Democrata, nos EUA, evitou personalagens mais polémicas, como Bernie Sanders e Hillary Clinton, e optou por pessoas conhecidas por saberem conversar com o outro lado, como Barack Obama e Joe Biden. Mas as pessoas podem pegar um actor político de centro e vilanizá-lo. O populismo autoritário está pipocando pelo mundo e é uma crise das instituições. É uma crítica das pessoas comuns às elites culturais e políticas. Responder que as instituições têm de permanecer como estão não é uma boa resposta. É preciso diferenciar a exploração política da insatisfação da insatisfação em si. A insatisfação precisa ser atendida. **L.S.**



**BRASIL A VOTOS**

acompanhe em publico.pt/eleicoes-brasil-2022

## A vitória de Lula em três medos e quatro esperanças

### Análise



Letícia Sorg

**S**e, na primeira volta, tive oportunidade de cumprir meu dever cívico diante de uma eletrônica, nesta segunda, cá de Lisboa, onde ora trabalho, tive que me contentar com observar a grande fila de conterrâneos na Faculdade de Direito. Não deixa de ser emocionante, porém, ver o imenso contingente mobilizado em torno de uma escolha que tem impacto não só para o país, mas para o mundo.

É um alívio ter, finalmente, o resultado de uma disputa que se arrasta há anos e que, nos 28 dias entre o primeiro e o segundo turno, nos brindou com momentos surreais — como uma resistência a prisão com granadas e uma deputada em perseguição armada — e exasperantes — como as pobres trocas de acusações entre Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva nos dois debates diretos que protagonizaram.

Mas o resultado das urnas confirmado há pouco pelo Tribunal Superior Eleitoral não significa que nós, brasileiros, teremos paz depois de quase uma década de protestos populares, crises econômicas, escândalos de corrupção, instabilidade política, pandemia e, agora, guerra. Isso sem mencionar o abismo informacional entre setores da população e o insuportável clima até nos grupos de WhatsApp da família.

A vitória de Luiz Inácio Lula da Silva para um inédito terceiro mandato na presidência do Brasil por uma pequena margem num universo de 156 milhões de eleitores gera, imediatamente, um medo.

O medo de que o candidato derrotado concretize suas ameaças ao processo democrático e questione o resultado das urnas — o que já ensaia desde, ironicamente, sua própria eleição e reforçou, na última semana, ao questionar a suposta supressão de peças de sua campanha em rádios. Seu séquito armado até com fuzis — cuja venda foi facilitada durante seu mandato — tem potencial de repetir em Brasília o 6 de janeiro de Donald Trump em Washington.

Vale lembrar que, em 2014, quando perdeu por 3,5 milhões de votos para Dilma Rousseff, o então

candidato Aécio Neves abriu a primeira brecha de desconfiança sobre o sistema eleitoral ao pedir uma recontagem de votos. O processo, como se sabe, nenhuma irregularidade encontrou.

O segundo medo é que, mesmo debedado o imponente golpista do perdedor, o Congresso eleito, ainda mais conservador do que o atual, adote a agenda de interferência em outros Poderes, nomeadamente o Supremo Tribunal Federal, como chegou a ser aventada por Bolsonaro. A direção do “centrão”, o bloco fisiológico que costuma compor a base em troca de recursos, deve reforçar ou enfraquecer esse receio.

Outro ponto crucial será a posição do presidente da Câmara, a quem cabe, única e exclusivamente, a decisão de aceitar ou não um pedido de impeachment. Coube ao então deputado Eduardo Cunha iniciar o processo contra Dilma Rousseff. Coube a Arthur Lira, atual presidente da Câmara, ignorar mais de 100 pedidos contra Bolsonaro — entre eles, um redigido pelo mesmo jurista que defendeu a saída da péstima.

Um terceiro medo depende de Lula. Se ele, de fato, fará o governo da maior frente democrática formada desde o movimento pelas Diretas Já, no início dos anos 1980. Se sua esquerda conseguirá fazer pontes para o centro e a direita cooptada pelo extremismo de Bolsonaro. Se sua popularidade permitirá que implemente uma agenda de reformas ou se precisará cair no mesmo toma-lá-dá-cá que

engendrou o mensalão e o “orçamento secreto” — a versão bilionária e com chancela oficial para a compra de apoio parlamentar adotada pelo bolsonarismo.

Numa campanha pobre de sugestões para o futuro do país, resta-nos manter bem-intencionadas esperanças. A primeira, de que a política ambiental seja restabelecida, no discurso e na prática. Com a reconstrução de órgãos como a Funai, de proteção à população indígena, e o Ibama, ao meio ambiente. O resgate da independência da Procuradoria-Geral da República e da Polícia Federal. O retorno da ciência — e da vacinação — também não faria nada mal. Na verdade, seria um alívio global.

Com isto, viria a esperança de uma reconstrução do papel do Brasil na diplomacia internacional. Durante o debate, Lula destacou o contato com Alemanha e França e ironizou a relação de Bolsonaro com a ditadura saudita — e perdeu a oportunidade de mencionar a “irmandade” com o autocrata Viktor Orbán, da Hungria.

Uma terceira esperança, talvez radical demais nesses tempos de bolhas desinformativas, é o restabelecimento do diálogo na política e a construção de propostas de consenso — imperfeitas, como todas, mas baseadas em fatos e não em pânico moral — para a saúde, a educação, o desenvolvimento econômico e a segurança pública. Com a população a acompanhar de perto as votações no Congresso — como acompanhou de forma inédita as atualizações do “placar” da votação direto de seus telemóveis, em clima de final de Mundial.

E já que me lancei nesse exercício ousado de esperar o melhor depois da pior disputa eleitoral que presenciei na minha vida, cito uma quarta. A esperança de ver crescer uma nova liderança política no Brasil. Que, mesmo não sendo um Juscelino Kubitschek ou um Fernando Henrique Cardoso ou mesmo um Lula, permita-me, em 2026, ter uma resposta melhor aos portugueses que, neste ano, me questionaram: “Como um país do tamanho do Brasil não tem um novo candidato à presidência, melhor do que Lula e Bolsonaro?” Pois.

Jornalista



Tarcísio de Freitas, governador eleito do estado de São Paulo

### Eleições estaduais

## Candidato de Bolsonaro eleito em São Paulo

### João Pedro Pincha

**O** candidato derrotado à presidência do Brasil em 2018 pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Fernando Haddad, voltou a perder uma corrida eleitoral, desta vez para governador do estado de São Paulo. Tarcísio de Freitas, ex-ministro de Jair Bolsonaro, é o eleito. Desta forma, o PT não consegue aumentar o número de estados ganhos face às últimas eleições e ficou empatado em número de governadores com a União Brasil, cujos eleitos apoiaram Bolsonaro (mas não o partido).

Haddad perdeu por larga margem, com mais de dez pontos percentuais de desvantagem. O candidato de esquerda até teve sondagens favoráveis, mas perdeu logo na primeira volta e isso confirmou-se na segunda. Tarcísio, ex-ministro das Infra-estruturas, que se apresentou pela primeira vez a uma eleição (e num estado onde nem sequer reside), disse na primeira que a sua vitória mostrava “a força do bolsonarismo”.

Depois de ter assegurado a eleição de três governadores na primeira volta (nos estados de Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí), o Partido dos Trabalhadores conquistou também a Bahia, com a vitória de Jerônimo Rodrigues (52,8%) contra ACM Neto (47%), por cerca de 400 mil votos.

O Partido Liberal, de Bolsonaro, sofreu uma derrota expressiva no Rio Grande do Sul, onde Eduardo Leite (PSDB) bateu Onyx Lorenzoni por quase um milhão de votos. Uma eleição polémica em que o ex-ministro bolsonarista conseguiu um surpreendente primeiro lugar na primeira volta, mas que não conseguiu repetir agora.

Mas o PL, que teve uma boa pri-

meira volta, fruto do impulso bolsonarista, juntou agora mais um governador à sua lista. Em Santa Catarina, Jorginho Mello deixou Décio Lima (PT) a mais de 1,7 milhões de votos de distância.

No Espírito Santo, no entanto, a força do bolsonarismo não chegou para que Manato, o candidato do PL, superasse o actual governador, Renato Casagrande (PSB).

A União Brasil, que na primeira volta já tinha eleito dois governadores (Mato Grosso e Goiás), acrescentou outros dois ontem: Wilson Lima, no Amazonas, e o coronel Marcos Rocha, em Rondônia. Apesar da má gestão da pandemia, que provocou milhares de mortos, incluindo por falta de oxigénio nos hospitais públicos, Lima conseguiu reeleger-se, superando confortavelmente o antigo governador Eduardo Braga.

Numa disputa à direita, Paulo Dantas (MDB) bateu Rodrigo Cunha, do União Brasil, na corrida ao governo de Alagoas.

Em Pernambuco foi eleita a primeira mulher governadora do estado, Raquel Lyra, que disputava a eleição contra outra mulher, Marília Arraes. Lyra acabou por beneficiar da solidariedade do eleitor, depois de o marido ter morrido no dia da primeira volta.

Em Sergipe, o candidato do PT, Rogério Carvalho, perdeu para Fábio (PSD), que saiu vitorioso da primeira eleição a que se apresentou. Em Paraíba a vitória foi do candidato do PSB, João Azevedo, reeleito para o cargo, batendo Pedro Cunha Lima (PSDB). Já em Mato Grosso do Sul ganhou o Eduardo Riedel (PSDB), que venceu o candidato do partido de Roberto Jefferson, preso no domingo passado depois de disparar e atirar granadas contra os policiais que o iam deter.

## Ameaça com arma

## Advogados pedem prisão da deputada bolsonarista Carla Zambelli

Mariana Duarte

O Grupo Prerrogativas, coletivo formado por advogados, mas também por professores e artistas, pediu ontem ao Supremo Tribunal Federal (STF) do Brasil para formalizar a emissão de um mandado de prisão para Carla Zambelli. No sábado, a deputada federal foi filmada a perseguir, de arma em punho, um homem negro pelas ruas de São Paulo, o jornalista Luan Araújo.

Segundo a *Folha de S. Paulo*, o grupo de advogados quer que seja instaurado um inquérito policial à deputada do Partido Liberal, apoiante de Jair Bolsonaro, pelos alegados crimes de disparo de arma de fogo, ameaça e eventual lesão corporal. Pedem também a apreensão das armas de Zambelli e da sua equipa para pericia e suspensão do porte das respectivas armas – inclusive a do segurança da deputada, que disparou durante a perseguição, em plena rua.

A Polícia Civil comprovou que o segurança, ainda não identificado, disparou a arma, informa o jornal. Contudo, acabou por ser libertado, depois de ter pago uma fiança no valor do salário mínimo brasileiro (1212 reais, o que corresponde a 229 euros). De acordo com a própria Carla Zambelli, o segurança é um polícia militar que a costuma acompanhar.

No documento apresentado ao STF, o Grupo Prerrogativas defende que a deputada cometeu uma ilegalidade: a legislação eleitoral deixa claro que o porte de arma e de munição é proibido nas 24 horas que antecedem e sucedem os dias de votação. Segundo um decreto do Tribunal Superior Eleitoral aprovado em Setembro, o

incumprimento desta regra pode levar a prisão em flagrante delito por porte ilegal.

Zambelli “constrangeu, ameaçou e humilhou um eleitor de candidato diverso”, afirmam os advogados. “Tais condutas colocam em risco não só a vida e integridade de pessoas que apoiam candidaturas adversárias, mas o próprio processo eleitoral e o Estado Democrático de Direito.” Nesse sentido, “a liberdade de Carla Zambelli coloca em risco a ordem pública e reforça a necessidade da decretação de sua prisão em flagrante”.

Após o incidente, à saída da esquadra, a deputada federal disse orgulhosamente que a sua arma não tinha sido apreendida e que ontem a levaria quando fosse votar, por ter direito a porte federal.

Zambelli argumenta que foi insultada e agredida por Luan Araújo num restaurante onde almoçava com o filho. “Me empurraram no chão, um homem negro. Eles usaram um negro para vir para cima de mim”, disse. No entanto, os vídeos divulgados pela imprensa brasileira mostram que a deputada bolsonarista se desequilibrava e caiu sozinha, sem qualquer interação física com Luan Araújo – que estava, aliás, a afastar-se de Zambelli e da sua comitiva no momento da queda. Por outro lado, os vídeos não deixam dúvidas de que o jornalista é perseguido e agredido, tendo já registado queixa por ameaça.

Lula da Silva descreveu ontem o comportamento de Carla Zambelli como “degradante”. “Estamos lutando para ter um país civilizado e uma pessoa surge com uma arma atrás de um cidadão. Isso não é civilizado. A justiça proíbe qualquer um de andar armado, muito menos uma deputada”, acrescentou.



Imagem de vídeo onde se vê Carla Zambelli empunhando uma arma



Em Portugal há 80 mil eleitores registados que podiam votar em Lisboa, Porto e Faro

## Lula venceu em Portugal

## “Não é porque não gosto do piloto do avião que quero que ele caia”

## Reportagem

Aline Flor Texto  
Paulo Pimenta Fotografia

## Lula da Silva ganhou as eleições em Portugal. No Porto, houve fila para votar e o ambiente esteve mais animado do que na 1.ª volta

O ambiente junto ao Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), local de voto dos cidadãos brasileiros residentes no Norte de Portugal, esteve mais agitado do que na primeira volta. “O bagulho está muito mais efusivo”, comentava-se na fila para votar. Os apoiantes de ambos os lados faziam-se ouvir. “Mito! Mito! Mito!”, gritavam do outro lado da rua os apoiantes do actual Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, vestidos a rigor com as suas *T-shirts* amarelas da selecção de futebol e agarrados à bandeira brasileira. “Brocha! Brocha! Brocha!”, lançava a mancha vermelha de apoiantes de Lula da Silva, numa referência ao caricato comentário de Bolsonaro nas comemorações do 7 de Setembro, bicentário da independência do Brasil.

Natália Machado, 34 anos, estava sentada junto das grades, de

camisola vermelha, a amamentar o bebé de dois meses. Tinha vindo de Coimbra, onde vive há seis anos, numa excursão: faz parte do movimento Vozes no Mundo – Frente Pela Democracia no Brasil (“durante a campanha fizemos várias manifestações”, descreve), que alugou um autocarro vermelho com cerca de 60 lugares, repletos de eleitores.

Contou que na família “não era tradição votar no PT”, mas quando se tornou eleitora – votou em presidenciais pela primeira vez em 2006, depois do primeiro mandato de Lula – não teve dúvidas. “Mudou completamente a educação no Brasil, também na economia a gente viu uma mudança.” Quanto aos pais, consideram que a situação no Brasil chegou a um ponto tão grave que “vai ser a primeira eleição que vão votar no PT”.

Não a incomoda votar num candidato que teve governos marcados por tantos casos de corrupção? Deixando a ressalva de que “se houve corrupção não sabemos, porque Lula não foi condenado”, notou que foi nos governos da esquerda que foram criados canais de transparência que permitiram que a “corrupção institucionalizada que existia” fosse detectada. Já Bolsonaro, acusa, “varreu para debaixo do tapete”.

Francisco Paulino, 41 anos, está há seis anos em Portugal.

Encontramo-lo um pouco atrás do grupo de apoiantes de Bolsonaro, junto da mulher e de três filhas, com um ar sereno mas orgulhoso na sua camisola amarela. “Hoje é um dia muito importante para o Brasil, basicamente vamos decidir o destino dos próximos anos... Se em pouco tempo a gente vai passear os animais de estimação ou os comer.” Considera que uma vitória de Lula da Silva será um “retrocesso”:

“Onde a ditadura do comunismo e do socialismo imperaram, a única coisa que conseguem socializar é a miséria e a pobreza.” Mas considera mesmo um risco o surgimento de uma ditadura comunista, mesmo não tendo havido sinais disso ao longo dos 14 anos de Governo do Partido dos Trabalhadores? “O Brasil vive uma ditadura do judiciário”, responde, notando que os juizes da suprema corte foram escolhidos pela “esquerda”, que “está no poder há mais de 30 anos no Brasil”. Sobre o que poderão ser os meses que se seguem a estas eleições tão polarizadas, acredita que, independentemente do resultado, “como cidadãos temos que respeitar”. “Não é porque não gosto do piloto do avião que eu quero que ele caia”, rematou.

Em Portugal estão registados 80 mil eleitores. Ao final do dia ficaram a saber-se os resultados dos que votaram: ganhou Lula. Em Lisboa e Porto teve mais de 64% dos votos.

Casa do Brasil festeja Lula

# “Espero que exista respeito pelos resultados eleitorais”

Reportagem

Daniela Carmo Texto  
Nuno Ferreira Santos Fotografia

Na Casa do Brasil de Lisboa a festa prolongou-se durante a noite de ontem, numa “reconquista democrática”

**C**anta, canta, minha gente/ Deixa a tristeza pra lá/ Canta forte, canta alto/ Que a vida vai melhorar”, foi ao som de Martinho da

Vila que as duas centenas de brasileiros que na noite de ontem se juntaram na Casa do Brasil de Lisboa iniciaram os festejos da eleição de Lula da Silva como Presidente do país. Houve gritos de alívio, dança, choro de alegria e muitos cânticos. “Esperamos quatro anos por esse momento”, afirma Celso, 68 anos.

A esperança foi traída durante toda a noite e as expectativas dos apoiantes do Presidente eleito não saíram goradas. “É uma sensação maravilhosa”, “estamos muito felizes”, vão respondendo. Celso, que há 30 anos se mudou para Portugal, continua a festejar aquela que diz ser “a vitória da democracia”.

Mas é com preocupação que olha para o futuro depois de conhecidos os resultados que polarizaram o país: “Espero mesmo que Lula suba ao poder e que exista respeito pelos resultados eleitorais.”

O mesmo receio já tinha sido partilhado horas antes – quando apenas cerca de 5% das urnas tinham sido abertas – por Daniel Mendes. “Preocupa-me, se o Lula ganhar, que os bolsonaristas não aceitem a vitória, numa tentativa de fraude e até réplica do que aconteceu com Trump nos Estados Unidos da América, e haja um novo [episódio como o do ataque ao] Capitólio. E no Brasil já há muitos casos de fraude, coação, tentativa de impedir o voto, como aconteceu este domingo [ontem].”

O professor de Filosofia chegou a Portugal em Setembro para fugir ao Governo de Jair Bolsonaro. Agora a cumprir um doutoramento em Lisboa, dizia que estas eleições eram decisivas em relação ao seu regresso ao Brasil uma vez terminado o ciclo de estudos.

“Se Bolsonaro vencer, não volto”, lamentava. Mas Lula saiu vencedor e o êxtase era visível entre os que festejavam na Casa do Brasil. “É a reconquista democrática”, chamou-lhe Traína, 33 anos.

“Estamos com esta esperança, este alento, desde que o Lula se candidatou, porque ele tem muito peso no Brasil e esperamos tê-lo como Presidente”, atirava no início da noite. Antes de ser conhecido o vencedor destas eleições, os brasileiros mostravam-se ainda apreensivos quanto ao desfecho que iriam encontrar no final da noite, muito devido às operações montadas pela Polícia Rodoviária Federal (PRF), à revelia das directrizes das autoridades eleitorais.

Apesar de o presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Alexandre de Moraes, ter garantido que nenhum eleitor foi impedido de votar por causa dessas operações, a situação tinha-a deixado “apreensiva” porque deixava

“muita imprevisibilidade no ar”.

Quanto aos festejos, esses prolongaram-se noite fora: com energias renovadas, dançaram ao som de músicas que evocavam a cor do Partido dos Trabalhadores e que pintava a Casa do Brasil, o vermelho.

Para trás, deixaram por momentos a memória do governo de Jair Bolsonaro. Amanhã (hoje) pensam nisso, como dizia Elisângela, 42 anos, “porque é aí que vão tentar defraudar os resultados das eleições”. “Mas hoje a gente festeja.”

“Há pouco emocionei-me muito porque esta vitória é por todas as pessoas que vivem escondidas no Brasil, que fugiram do seu país, é pelos indígenas e por todas as pessoas negras que são mortas diariamente e todas aquelas que morreram durante a pandemia enquanto o Presidente era inconsequente”, sublinhava. “Não é por mim, é por todas essas pessoas.”



Festejos nas ruas de Lisboa, ontem à noite



Na Casa do Brasil juntaram-se muitos imigrantes brasileiros

<b>Público</b>	Periodicidade: <b>Diário</b>
31-10-2022	Classe: <b>Informação Geral</b>
	Âmbito: <b>Nacional</b>
	Página(s): <b>1,2,3,4,5,6,7,8</b>

## Brasil, a democracia continua viva

### Editorial



Manuel Carvalho



**Depois de Trump, a derrota de Bolsonaro é um bálsamo para a democracia. Em favor do Brasil e do mundo, é bom que Lula o saiba usar**

**E**m democracia ganha-se por um voto e perde-se por um voto. Só não aceita esta verdade elementar quem detesta a democracia. A contestação aos resultados expressa pelo bolsonearismo mostra o essencial: a democracia ganhou e os que desprezam as suas regras perderam. Sejam de esquerda, de direita ou do centro, todos os que acreditam que a democracia é o melhor dos sistemas políticos conhecidos têm razões para celebrar.

É natural perguntar como foi possível que um candidato que tolerou um escandaloso caso de corrupção nos seus mandatos conseguisse ser reeleito. Como é possível, e legítimo, indagar sobre as causas que levam quase metade dos brasileiros a apoiar um Presidente incompetente, ordinário e devoto de um homem sinistro como Carlos Brilhante Ustra, o mais temível torturador da ditadura militar. Se, como dizem os

bolsonaristas, a eleição de Lula expõe um “problema moral”, a resposta da maioria dos brasileiros foi correcta.

O drama da democracia brasileira começa aqui, na destruição do centro político. Mas, desde o princípio, havia uma escolha crucial: Lula, provam-no os seus mandatos, garante a democracia, o respeito pelas minorias, o pluralismo, a preservação do ambiente ou o multilateralismo. Bolsonaro combate tudo isso em nome de uma ideologia de extrema-direita autoritária, violenta e iliberal. Em causa estava um mal menor? Não estava. Entre um autocrata e um democrata é sempre fácil tomar partido.

Lula tem agora o tremendo desafio de ganhar o Brasil. Considerando o que estava em jogo, fez o essencial. Fez com que Bolsonaro fosse o primeiro Presidente da história democrática do Brasil a falhar a reeleição. Derrotou a voz da extrema-direita. Falta o resto. Tem contra ele metade da população, os governos dos estados mais

poderosos e uma câmara de deputados e um Senado hostis. Promover a reconciliação de um país ferido e desiludido é a sua primeira e maior tarefa.

Resta-lhe ser pragmático como sempre foi. Tem de apelar a todos os poderes para recusarem o discurso golpista. Deve cultivar as pontes com as alas centristas que lhe declararam o apoio, de Simone Tebet a José Sarney. Precisa de um governo económico moderado. Precisa de continuar com políticas inclusivas que acabem com esse horror de haver 33 milhões de brasileiros famintos no país do mundo que mais alimentos exporta.

As adversidades são enormes, mas as oportunidades também. O Brasil está cansado da conversa de taberna de Bolsonaro. Lula terá o apoio de todos os democratas do mundo, de Joe Biden a António Costa ou a Emmanuel Macron. Depois de Trump, a derrota de Bolsonaro é um bálsamo para a democracia. Em favor do Brasil e do mundo, é bom que Lula o saiba usar.